

# VIVÊNCIA E PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE SEU TRABALHO INFORMAL COM A COSTURA MANUAL DE CALÇADOS EM SUAS RESIDÊNCIAS

Marília Batarra Lima\*

Daniela de Figueiredo Ribeiro\*\*

## INTRODUÇÃO

Uma nova concepção de criança surgiu com o nascimento do capitalismo. E um novo sentido passa a ser atribuído ao trabalho, que passa a exercer um papel educativo e formador. Esta nova idéia passou a ser utilizada a favor da burguesia nascente, que ofereceu aos seus filhos o trabalho intelectual, restando novamente aos pobres apenas a entrada precoce na indústria. Acreditava-se que o trabalho era a melhor forma de dar dignidade aos homens que iriam se tornar aquelas crianças e consolidava-se a ideologia de que o trabalho era a melhor maneira de prevenir a delinquência das crianças (ALVERGA & CAMPOS, 2001).

A origem do trabalho infantil está relacionada à pobreza familiar e sua inserção no mercado de trabalho formal ou informal. Basicamente os motivos para o trabalho precoce são pobreza, necessidade de colaborar com os pais, o desejo dos pais para que trabalhem, ganhem a vida por si mesmos, além da idéia de que é melhor trabalhar do que ficar “sem fazer nada”(OLIVEIRA & ROBAZZI, 2001).

Segundo Andrade e Cintra (1996) a inserção da criança no mercado de trabalho passou a ser cada vez mais precoce, ocorrendo em sua maioria por volta dos 8 ou 9 anos de idade. Percebe-se uma certa “alienação contagiante onde o imediatismo prevalece, não havendo consciência, por parte dessas famílias, do problema gerado agora e suas conseqüências futuras” (p. 46).

Segundo Oliveira e Robazzi (2001) pode se perceber que para algumas famílias o trabalho infanto-juvenil é tido como rotina, é uma passagem para a vida adulta, onde o adolescente se considera adulto e importante, já que se torna autônomo financeiramente.

Foucault considera que no espaço de trabalho são constituídas as estruturas de micro-poderes, cumprindo uma função disciplinar. O trabalho infantil tem seu fundamento técnico-disciplinar na medida em que tem como função básica assegurar o *status quo* e a reprodução do capital, favorecendo a conformidade desses grupos sociais com a sua própria condição, onde o trabalho mesmo explorado é a possibilidade de impedir a manifestação do “vírus da delinquência” (DIMENSTEIN & FEITOSA, 2004).

Segundo Foucault a invenção da disciplina implicou numa vigilância dos indivíduos. Sobre as crianças se distingue em duas formas, alterando-se conforme a classe social; para a classe burguesa a infância passou a ser caracterizada por uma liberdade protegida e por uma vigilância discreta, já nas camadas populares a infância passou a ser caracterizada por uma liberdade vigiada (DIMENSTEIN & FEITOSA, 2004).

\* Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Franca Uni-FACEF. Bolsista FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo). Email: mariliabatarra@hotmail.com

\*\* Doutora em Psicologia pela FFCLRP-USP. Docente no Centro Universitário de Franca Uni-FACEF. Email: ribares@netsite.com.br

A maneira de enxergar a criança e algumas ideologias acerca do trabalho estão organizados em uma “construção social de uma hierarquia etária”, que legitima as relações desiguais entre adultos e crianças, impedindo a autonomia das faixas etárias subordinadas, definindo suas necessidades. Este sistema penetra nos processos de decisões tanto das famílias como das unidades de produção (BURGER & CERVINI, 1996).

Na cidade onde foi realizado o atual estudo, particularmente, o trabalho infanto-juvenil não ocorre mais dentro das fábricas, devido à proibição pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), migrando assim para dentro do espaço doméstico, mostrando uma outra dimensão em termos de relações disciplinares e de controle da própria família (ANDRADE & CINTRA, 1996).

Essa legislação não conseguiu “intervir” dentro das casas, onde as crianças passaram a ser inseridas no mundo do trabalho informal. Neste contexto, elas não têm como escolher entre trabalhar e brincar, pois estão submetidas às ordens dos pais. O trabalho doméstico se mistura à produção de calçado, a casa deixa de ser um lugar reservado para o descanso e convívio familiar, e passa a ser uma extensão da fábrica (ANDRADE & CINTRA, 1996). No processo de costura de sapato realizado dentro das residências todos os membros da família trabalham para ajudar a aumentar a renda, já que o valor da produção final é muito baixo, por isso é quase que unânime a idéia de que se não for oferecida ajuda financeira, não há como retirar as crianças do trabalho (SARTORI, 2006).

Segundo Dimenstein e Feitosa (2004) acaba-se tendo uma educação para e pelo trabalho, algo presente na família e transmitido aos filhos como ensinamento. Para algumas mães este é o único capital cultural que elas possuem para transmitir aos filhos, constituindo uma parte integrante de um tipo particular de infância.

Segundo Alves-Mazzotti (2002) nem todo trabalho infanto-juvenil é penoso, insalubre ou humilhante e nem todos os pais são exploradores. Além disso, ela afirma que a homogeneização de opiniões leva à estereótipos, os quais às vezes se passam por críticos, mas na verdade são excludentes.

Diante dessa realidade, às vezes se tem a ilusão de que a educação vai fazer milagre. Porém existe uma relação entre o número de adolescentes no mercado de trabalho e o fato da escola não dar conta da formação profissional (OLIVEIRA & ROBAZZI, 2001).

Segundo Campos e Francischini (2003) a escola, nesta realidade, conforme dados estatísticos, quase sempre é sinal de fracasso, havendo alto índice de evasão. A irregularidade escolar pode estar diretamente relacionada ao trabalho precoce. Para as famílias a razão do fracasso escolar é devido à desatenção e falta de interesse da criança, atitudes muitas vezes justificáveis, pois a escola acaba se tornando o único lugar delas conversarem e brincarem com seus colegas.

De acordo com Alves –Mazzotti (2002) o trabalho infanto-juvenil e “fracasso escolar” estão relacionados não porque o primeiro é causa do segundo, e sim porque ambos são conseqüências dos mecanismos que transpassam a pobreza. Mas sem induzir a conclusão de que é um problema familiar o que encobriria o fato de ser uma questão social, devido a ausência de boas oportunidades de estudo e trabalho para as pessoas mais pobres.

Em sua pesquisa, a autora supracitada descobriu que os pais, os empregadores e as crianças têm representações positivas e muito semelhantes sobre o trabalho, enquanto que os professores transmitem uma visão negativa, como a perda da infância, exploração e humilhação. Porém a maioria dos professores afirmou que os alunos pouco ou nada falam sobre o trabalho, portanto eles contam com escassa ou nenhuma

informação concreta sobre o trabalho dessas crianças, podendo estar somente reproduzindo a visão atual sobre desvantagens do trabalho infantil (ALVES – MAZZOTTI, 2002).

O brincar é um aspecto importante no desenvolvimento da criança, por isso a relação trabalho infantil e o brincar é importante de ser discutida. O brincar pode ser uma forma da criança construir sua experiência de relação com o mundo de forma ativa, vivenciando experiências de tomadas de decisões. Além de na brincadeira poder ser dado outro sentido aos objetos e jogos, seja a partir de sua própria ação ou imaginação, seja na trama de relações que estabelece com os amigos com os quais produz novos sentidos e os compartilha (CERISARA (2002), apud: QUEIROZ, MACIEL & BRANCO, 2006).

Siaulys (2005 apud: Queiroz, Maciel & Branco, 2006) também afirma que na maioria das sociedades contemporâneas a infância é marcado pelo brincar, mesmo em locais onde classe social mais baixa ainda utiliza o trabalho infantil. A brincadeira permite à criança vivenciar o lúdico e descobrir-se a si mesma, apreender sobre a realidade, e ser capaz de desenvolver seu potencial criativo.

Diante dessa realidade, o objetivo do atual estudo foi caracterizar a percepção de crianças e adolescentes sobre o trabalho infantil e suas condições de ocorrência nas casas onde se realiza a costura manual de sapatos; a caracterização do ambiente físico e o tipo de interação entre os sujeitos e os demais integrantes adultos das residências onde ocorre o trabalho; a identificação das crenças e ideologias utilizadas por eles para justificar e validar suas práticas e a caracterização das práticas de submissão, de disciplina e docilidade corporal.

## MÉTODO

A pesquisa utilizou a proposta qualitativa e a abordagem etnográfica para investigar e compreender os dados. Segundo Minayo (1996), nessa proposta o ser humano e a sociedade são sujeitos e se recusam a revelarem-se apenas como números. O pesquisador utiliza métodos e técnicas, mas predomina sua visão sobre o real e sobre o impacto que este lhe causa.

A coleta de dados foi realizada em duas fases:

- Fase exploratória: foram realizadas sessões de observações participantes em dez residências, sendo que em sete era realizada a costura manual do sapato e em três existiam bancas-de-pespointo<sup>1</sup>. No total cinquenta e quatro pessoas participaram desta etapa da pesquisa. Durante as observações participantes, diálogos informais foram estabelecidos com várias sujeitos. Durante as conversas foi possível conhecer mais sobre a subjetividade, valores de vida, como pensam e vivem o trabalho, como educam seus filhos, quais suas preferências o que não gostam, seus anseios e medos, além da possibilidade de participar das atividades cotidianas dos sujeitos.

- Fase focalizada: nessa etapa foram realizadas entrevistas individuais, semi-estruturadas, com dez crianças e adolescentes, com idade entre seis e quinze anos. Nove trabalhavam com a costura manual do sapato, junto com os pais, e uma adolescente utrabalhava em bancas de pespointo. Todos os responsáveis pelas crianças e adolescentes entrevistados assinaram um termo de compromisso e receberam um termo de livre esclarecimento.

Os dados também foram analisados através da hermêutica-dialética, buscando averiguar o sentido e compreender simbolicamente a realidade estudada. Buscou-se a

---

<sup>1</sup> Segundo Navarro (2003), a banca de pespointos é uma oficina de trabalho que presta serviços à indústria de calçados local, realizando serviços de corte do couro, pespointos, costura e enfeites.

compreensão do sentido na fala das pessoas por meio da linguagem ordinária do homem comum no seu dia-a-dia, além de se procurar compreender as estruturas profundas do cotidiano da vida. A compreensão hermenêutica tem como função traduzir ou decodificar códigos culturais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A cidade do interior de São Paulo onde foi realizada a pesquisa tem como principal atividade econômica a produção de calçado masculino. Com a terceirização parte do trabalho começou a ser realizado dentro das casas dos trabalhadores, onde se realiza a costura manual do sapato e a montagem de determinadas partes do sapato. Nas casas onde existem máquinas e normalmente mais de uma pessoa trabalhando, são denominadas bancas de pesponto.

Com a produção de calçado dentro das casas, o ambiente doméstico e de trabalho se fundiram, envolvendo todos os membros da família, inclusive as crianças.

A pesquisa foi desenvolvida em um bairro periférico da cidade onde as casas foram construídas por um programa de Habitação Popular. As pessoas que residem nesse bairro são em grande maioria operários da indústria calçadista, sendo que vários possuem bancas de pespontos em suas casas ou realizam a costura manual do sapato. Por este motivo foi realizada a primeira etapa da pesquisa, observações participantes nas residências, com o intuito de conhecer o cotidiano dos moradores.

Na segunda etapa da pesquisa observou-se que os adolescentes conseguiam elaborar melhor a fala e fazer uma reflexão sobre os efeitos causados pelo trabalho. As crianças mais novas falaram dos movimentos que realizavam com as mãos, e dos ganhos mais imediatos que conseguiam através do trabalho, como dinheiro ou presentes.

Algumas crianças falaram que o trabalho não atrapalha o brincar, pois a mãe não as proíbe de brincar por causa do trabalho, suas brincadeiras são sempre de rua. No bairro onde foi realizada a pesquisa, durante a fase de observação-participante foi verificado que em todas as residências observadas, todas as crianças, mesmo as que não trabalhavam com o sapato, ajudavam na tarefa doméstica, o que acaba restringindo o tempo do brincar.

A brincadeira permite à criança o espaço lúdico para, se descobrir, apreender a realidade e se tornar capaz de desenvolver seu potencial criativo. A brincadeira ajuda a promover o desenvolvimento da criança, a interação entre os pares, a resolução construtiva de conflitos e a formação de um cidadão crítico e reflexivo (QUEIROZ, 2006). Pode ser observado que enquanto trabalhavam as crianças brincavam com os materiais utilizados, por exemplo a linha, amarrando uns aos outros ou na própria mão, ou quando discutiam deixavam o sapato de lado e saíam correndo um atrás do outro.

Os dados mostraram que aparentemente as crianças e adolescentes sentem-se mal por não viverem de forma integral sua infância, sendo algumas vezes privadas do brincar, devido a baixa situação econômica ou quando precisam trabalhar para ajudar a família. Esses dados se diferenciam dos trazidos por Campos e Francishini (2003) e Andrade e Cintra (1996), que trazem o trabalho prejudicando somente o desempenho escolar. Algumas crianças falaram que o trabalho pode atrapalhar na escola quando às vezes machucam os dedos, com a agulha usada na costura.

Outro aspecto que o estudo abarcou de forma preliminar é a maneira como essas crianças conseguem criar linhas-de-fuga para a realidade de trabalho, vivenciando situações onde a espontaneidade e criatividade infantil estavam presentes.

Observou-se que todos os sujeitos entrevistados freqüentam a escola regularmente, e apenas uma criança repetiu de série. Foi relatado que a escola muitas

vezes é desinteressante para alguns, mas para outros o estudo é uma forma de garantir um futuro melhor. De acordo com os aspectos relatados pode-se notar que a escola é um espaço privilegiado de encontro para as crianças e adolescentes, por isso o recreio é o momento mais esperado pela maioria, pois muitas vezes não possuem esse espaço de encontro em casa. Uma criança e uma adolescente relataram que a criança não pode deixar de estudar para trabalhar, e que a família que faz isso deveria perder a guarda do filho.

Segundo Alves –Mazzotti (2002) o trabalho infanto-juvenil e “fracasso escolar” estão relacionados não porque o primeiro é causa do segundo, e sim porque ambos são conseqüências dos mecanismos que transpassam a pobreza. Mas sem induzir a conclusão de que é um problema familiar, encobrindo o fato de ser uma questão social, determinado pela reprodução das estruturas de classe.

Poucas vezes os entrevistados falaram sobre a relação escola-trabalho, e quando fizeram, relataram que às vezes devido ao trabalho chegam cansados na escola e que machucam os dedos com a agulha usada na costura de sapato. Neste caso sentem dor na hora de escrever. Mas em nenhum momento falaram de dificuldades de aprendizagem, justificando essas pelo fato de trabalharem. Muitas pesquisas estabelecem essa relação de forma muito estereotipada, baseando-se apenas em dados quantitativos ou no depoimento de professores.

Não é possível mais fazer a relação entre crianças e adolescentes que trabalham e repetência escolar, pois todos os entrevistados estudam em escola pública e essa não repete o aluno de série devido a Progressão Continuada. A repetência era um índice apontado em pesquisas sobre o tema, onde sempre era apresentado que as crianças que trabalham tem maior índice de repetência.

Outro aspecto observado é que as crianças e adolescentes possuem capacidades que não são valorizadas socialmente, pois mesmo muito jovens já exercem tarefas consideradas de adultos, como costurar sapato, cuidar da casa ou de outras crianças. O trabalho realizado por eles possibilita aos pais exercerem outros serviços que tragam aumento à renda familiar. Porém, não se sabe se essas habilidades são vistas, ou valorizadas pelos adultos, pela escola, no sentido de um potencial adquirido, e não como algo para excluir essas crianças e adolescentes.

Segundo Foucault (1987) vivemos em tempos esquadrihados, onde o tempo medido e pago dever ser um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. Esse tempo esquadrihado, sem defeitos e com o corpo aplicado a tarefa muitas vezes é exigido pelos pais, já que são seus patrões.

Através da análise do relato das crianças, pode-se perceber que o trabalho infantil continua existindo em realidades onde há pobreza. Nestes casos, a própria criança mostrou querer trabalhar para poder ter seu dinheiro e uma certa independência. Guattari (1983) fala da modelização das crianças pelo mundo adulto em fases cada vez mais precoces de seu desenvolvimento atualmente. A criança na nossa sociedade já está iniciada nos sistemas de representação e valores do capitalismo. Modelizadas para o consumo. Dessa fora os entrevistados falaram do seu desejo de trabalhar para poderem comprar algo e ter sua independência, assim observa-se que seus valores parecem já estar de acordo com os valores capitalistas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É difícil pensar em extinção do trabalho infantil em uma realidade como a da cidade pesquisada, onde as famílias que trabalham no setor informal da produção de

calçado ganham muito pouco, e para garantir o básico e todos precisam colaborar para complementar a renda, inclusive as crianças.

Considerando o aspecto social, observa-se que as crianças e adolescentes estão trabalhando para ajudar a família e garantir uma renda básica para a sobrevivência. Por outro lado, já se observa em seus discursos o desejo de adquirirem bens materiais, o que pode configurar uma modelização ao sistema capitalista.

Também pode ser percebido que apesar da realidade em que estão inseridos, algumas crianças e adolescentes conseguem criar linhas-de-fuga para essa realidade, e vivenciam situações de espontaneidade e criatividade, brincando com os materiais utilizados na costura e no “horário de trabalho”.

Nessa realidade de trabalho diário, que exige mãos treinadas e ágeis, percebe-se que algumas crianças e adolescentes já tem seu corpo modelizado, pois os movimentos necessários para a costura manual do sapato precisam ser perfeitos e sincronizados. Assim, o corpo vai se tornando dócil, submisso, fato contrário à natureza da criança que ainda é capaz de criar e teoricamente ainda teria que estar livre dessa modelização, segundo Guatarri (1985) e Foucault (2004).

Os dois tipos de trabalho observados, doméstico e com sapato, parecem não se diferenciar na percepção das crianças e adolescentes que se referiam a eles como “ajuda aos pais”. Aparentemente, o trabalho com calçado, quando é realizado dentro de casa, é vivenciado como qualquer outro tipo de serviço doméstico.

Com relação à vida escolar dos participantes, em um primeiro momento ela não pareceu ser afetada pelo trabalho, pois apenas uma criança repetiu o ano e atualmente não é mais possível utilizar a evolução escolar como uma variável para medir os prejuízos do trabalho infantil, devido à progressão continuada. Além disso, não foram mencionadas pelos entrevistados grandes dificuldades escolares causadas pelo trabalho.

A questão do estilo de relação parental parece influenciar muito mais, já que os adultos exercem duplo papel, pais e patrões, dificultando às crianças e aos adolescentes recusarem a atividade solicitada, pois possuem um vínculo afetivo. Além disso, as crianças relataram que podem apanhar caso se recusem a trabalhar. Observa-se que estes dois aspectos não ocorreriam se as crianças e adolescentes fossem empregados de terceiros.

A vivência de trabalho infantil apareceu como um aspecto que pode causar sofrimento, pois a adolescente que conseguiu fazer uma reflexão mais crítica da influência do trabalho colocou seu sofrimento por não ter podido brincar durante sua infância. Ressalta-se aqui que este prejuízo pode ser causado não somente pelo trabalho com o calçado, mas também pelo serviço doméstico, dependendo do grau de exigência e responsabilidade que se espera das crianças.

Enfim o trabalho infantil na perspectiva das próprias crianças e adolescentes pode trazer vários aspectos, alguns foram apontados de forma preliminar nesse artigo, no entanto, é necessário que se realizem novos estudos para aprofundar e ampliar os resultados obtidos, para que se possa chegar a afirmações mais consistentes sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

ALVERGA, Alex Reinecke de; CAMPOS, Herculano Ricardo. **Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho.** *Estud. psicol. (Natal)*, 2001, vol.6, n.2, p.227-233. ISSN 1413-294X. Disponível em: <<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 28 set. 2005.

ALVES MAZZOTTI, Alda Judith. **Repensando algumas questões sobre o trabalho infante-juvenil.** *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.19, p. 87-98, 2002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501908.pdf>>. Acesso em: 7 já. 2007.

ANDRADE, Raquel Mazzola; CINTRA, Raquel Batista. **A Criança: O Calçado versus A Escola** (uma reflexão sobre a terceirização em Franca). 1996, 87 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Franca, 1996.

BURGER, Freda; CERVINI, Ruben. **O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80.** in: UNICEF. *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.* São Paulo: Cortez, 1996, cap. 1, p. 43-51.

CAMPOS, Herculano Ricardo; FRANCISCHINI, Rosângela. **Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano.** *Psicol. estud.*, vol.8, n.1, p.119-129, Jun 2003. ISSN 1413-7372. Disponível em: <<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 5 out. 2005.

DIMENSTEIN, Magda; FEITOSA, Isabel. **Escola, família e trabalho infantil: subjetividade e práticas disciplinares.** *Interação em Psicologia*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 2, n. 8, p. 287 – 296, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramalhe. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 264 p.

GUATARRI, Félix. As creches e a iniciação. In: \_\_\_\_\_. **Revolução Molecular: Pulsões Políticas do Desejo.** Tradução de Suely Belinha Rolnik. 2ªed. Brasília: Brasiliense, 1985. cap.2, p. 50 – 55.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996.

NAVARRO, Vera Lúcia. **O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçado.** São Paulo: *Pespec. [online]*. Abr/jun.2003, vol. 17, nº 2 ( citado 20 julho 2005), p.32 –41. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.php?script=sciartex&pial>>. Acesso em set. 2005.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. **O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce.** *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Maio 2001, vol.9, no.3, p.83-89. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.org/index.php>> Acesso em: 17 set. 2005.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2006000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Maio 2008.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Aprendizagem e subjetividade:** uma construção a partir do brincar. *Rev. Dep. Psicol., UFF*, Niterói, v. 17, n.2, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-80232005000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Maio 2008. doi: 10.1590/S0104-80232005000200006

SARTORI, Elisiane. **Trabalho infantil em Franca:** um laboratório das lutas sociais em defesa da criança e do adolescente. *Cad. Pagu.*, Campinas, n. 26, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Dez 2006. doi: 10.1590/S0104-83332006000100011.